

A FOLHA

Nova Iguaçu, 09 de março de 1975

O boi come o capim, o homem come o boi e pensa

Cinco horas da manhã, Zé da Silva entra na estação de Nova Iguaçu, sacola surrada pendente do ombro, com a marmitta preparada na véspera. O trivial quase não varia: feijão, farinha, arroz ou macarrão, um ovo estrelado. Um dia ou outro, peixe ou galinha que fica mais em conta. Raramente o requinte de um pedaço de carne de porco ou de vaca.

Jonas, torneiro mecânico, vizinho dele, me dizia que não sabe como Zé da Silva ainda está vivo. "Não demora muito para a missa de sétimo dia do Zé".

Enquanto não morre, Zé figura nas estatísticas como subnutrido. Não deve aborrecer-se com tal classificação, porque não está só. Não é como o último lugar num teste para emprego novo. Nunca se sabe ao certo quantos são os subnutridos no mundo. Talvez não cheguem a dois terços da humanidade como afirmava, com autoridade, o Dr. Josué de Castro, presidente da FAO, uma organização para acabar com a fome no mundo. O Dr. Josué morreu e não deu cabo da fome.

Não falta comida no país, Zé da Silva. Entre num supermercado da Guanabara ou da Baixada Fluminense e você verá quanta variedade e quanta beleza de comida. A questão não é não ter alimento disponível, mas faltar dinheiro para comprá-lo.

O filósofo popular diz que o boi come o capim, que o homem come o boi e pensa. É aí que está toda a diferença. Sei que você, Zé da Silva, anda pensando muito no próximo jogo do Flamengo, em carnaval, na macumba de sábado, na loteria esportiva. A gente tem de pensar nestas coisas também, porque ninguém é de ferro. Mas amanhã você estará entrando novamente na estação, às 5 horas da matina, com sua marmitta de feijão e arroz, com um ovo estrelado, seu combustível para 8 horas de trabalho. Enquanto vai arrastado pelo trem, cochilando em seu canto, com a marmitta a tiracolo, muito bacana por aí estará entrando na última e mais gostosa fase

do sono que terminará entre 7 e 8 horas. Acorda bem disposto, porque as empresas precisam de chefes bem humorados, para produzir muito. Acorda bem alimentado, porque o dinheiro não falta, graças a seu salário mínimo que não sobe.

Você sabe o que andam comendo para tanta saúde? Eu não sabia até ontem. Uma indiscreta notícia de jornal pôs a mesa do bacana diante de meus olhos. Para satisfazer todos os gostos importam mais de 500 tipos de vinho, cujos preços variam de 40 a 2.000 cruzeiros. Você leu bem: 2.000 cruzeiros a garrafa. É néctar de deuses. Quatro meses de salário mínimo por uma garrafa de vinho. Para não ameaçar o sabor original de um bom uísque escocês, já estão importando água especial, diretamente da Escócia, a 12 cruzeiros a garrafa, para preparar o gelo do uísque.

A variedade de bebidas inclui, ao lado de uísque que pode ir até 2.100 cruzeiros, vinhos italianos, portugueses, chilenos, argentinos, iugoslavos, húngaros, gregos, austríacos, rumenos, israelitas. Ao lado dos vinhos, alinham-se as garrafas de aguardente de pera ou framboesa, licores de rum da Jamaica e cervejas alemã, holandesa e dinamarquesa.

Carnes, peixes, patês, queijos, sopas, caviar a 255 cruzeiros a porção de 50 gramas, siri estrangeiro a 90 a lata de 100 gramas. Da França vêm, além dos famosos queijos, cremes de anchovas, camarão, carne de faisão ou de lebre, feijoada com pedaços de carne de ganso, salmão defumado. Você já imaginou que 800 gramas de patê de fígado de ganso, temperado com trufas, poderá custar 1.500 cruzeiros?

Zé da Silva, sei que você não entende quase nada deste mundo do bacana. Nem eu tampouco. Mas algumas perguntas você estará fazendo: por que importar tanta bebida e comida? Zé, eles estão seguros que podem zombar de todos nós. Ninguém segura este país.

CATABIS & CATACRESES

Brasil, campo de caça das multinacionais

1. Opinião do dr. Henry Maksoud, grande empresário nacionalista do grupo "Visão" (na mesma, 30-12-74): "E por esta razão este país, que por uma revolução evitou os riscos de uma sovietação proposta por uma ideologia militante, renova os riscos de uma estatização de características talvez similares, pela via de um pragmatismo pouco consciente". Tá claro, né, brasileiro?

2. Como tá clara, né, brasileiro? a opinião do dr. Gudin, 88, mestre dos mestres de dois séculos. O qual disse: "O excessivo domínio do Estado sobre a economia brasileira já tem sido assinalado na imprensa estrangeira, o que pode prejudicar o afluxo do capital para o país". Evidentemente está na mesmíssima "Visão" (30-12-74) do dr. Maksoud.

3. Os campeões do capital estrangeiro que entra e sai liberalmente são sempre os mesmos. "Opinião" (27-12-74) cita-os, resume-os e diz que eles esquecem muitas coisas. Esquecem, por exemplo, que o Brasil interessa apenas quando a mesa está posta e a comida é gostosa.

4. Na mesma "Opinião" (27-12-74) a respeito do dr. Gudin, 88, mestre dos mestres em todos os assuntos possíveis e o resto: "Eugênio Gudin, que com boa dose de realismo se considera um economista 'ultrapassado' e um 'retardatário sobrando' do século XIX..." Que franqueza, brasileiro?

5. O que tudo sugere a recordação nostálgica de um velho ditado, a saber: "Bem baila a quem a fortuna faz som". Tem também aquele outro, salva reverência: "Homem velho, saco de azares". Dependendo do velho, sabe?

IMAGEM DA HUMANA LOUCURA

1. Curtindo crises de bem merecida nostalgia, ele gosta de recordar entre duas bem sucedidas artimanhas comerciais os tempos de garoto pobre, filho de pobres, irmão de pobres, neto de pobres, etc. e tal pobreza universal. O dia começava às três da matina, sim senhor, nós ia pro campo, pai, mãe, eu e os meus irmão, tudo de pé no chão, enxada nas costa, trabaiu no duro e eu vou te contar. E desfia, num português crioulo, mesclado de alguns italianismos, todos os sofrimentos e dores concentrados.

2. Assim mesmo o trabalho duro, de sol a sol, escravo, de cinto apertado, de mão fechada, interrompido apenas para as tradições religiosas — a gente somo muito católico — produziu efeito. Do primeiro restaurante à beira da estrada nasceram outros e outros até a rede ao longo da rodovia, estrategicamente postos, inéditos na paisagem, limpos, acolhedores, movimentados, moralizados, manhosos, espertos, capazes de contornar maneiramente fiscais e fiscais, atenciosos e corteses, florescentes.

3. Florescente e flórida empresa. Onde todos, eu, pai, mãe, meus irmão, todo mundo, filho, neto dá um duro pra ganhar o pão de cada dia e mais um opala e mais um dodge e mais uma passat e mais um galaxie e mais uma frota de caminhões e frigoríficos e mais conforto e bem-estar, lucro certo, lucro em cadeia, lucro por todos os meios, sempre cinto apertado e mão fechada para os outros, sim senhor, sabe? se esses empregado passarem as privação que eu passei, eles sobe na vida, tá? Deixa comigo, certo? (A. H.).

QUESTÕES ATUAIS

Serviços públicos

Serviços públicos: mau funcionamento — Haverá solução? — Exemplos — Regra e exceções — Problema social — Campanha da Fraternidade e a sua contribuição — Solução possível a partir do evangelho.

A FOLHA:

É opinião generalizada que os nossos serviços públicos funcionam mal. Chamam-se "serviços" e servem mal, de má vontade, sujeitos a arbitrariedades de todo tipo. Como melhorar a situação? Haverá saída para o impasse?

D. ADRIANO:

Creio que pode haver solução. Ao menos a médio e longo prazo. Se eu não tiver um mínimo de otimismo e de esperança, então me declaro em falência. Sem negar os valores positivos de qualquer religião ou filosofia, estou certo que o cristianismo tem na sua essência dados para resolver o problema de nossos serviços públicos e muitos outros problemas de fundo ético. Eu creio na força renovadora do evangelho. Eu creio que a mensagem de Jesus Cristo será sempre fermento de renovação, de conversão, de reconciliação, de reencontro.

Há certo tempo fui a um hospital do governo visitar um amigo doente. Tinha sido assaltado dentro de casa. Além de roubado, os assaltantes o espancaram. Chego ao hospital, como padre, sem qualquer sinal de bispo. Na entrada um porteiro que não sabe nada. Sem qualquer sinal de atenção, manda que entre e pergunte adiante. Adiante pergunto num guichê a uma funcionária se Fulano está no hospital e onde. Sem o menor interesse levanta os olhos por um segundo e não dá resposta. Continua mexendo em papéis. Tento uma informação. Sem resultado. Ela se levanta, desaparece numa porta. Espero alguns minutos. Volta. Pergunto. Ela, ainda sem responder, se senta e remexe os papéis. Olho para os lados à procura de outra pessoa. Ninguém. Depois de mais uns minutos aparece junto da funcionária um enfermeiro ou médico. Peço a informação. Este se aproxima do guichê e diz que vá andando pelo corredor até encontrar um informante. O resto se pode imaginar até eu conseguir ver o doente. E também se pode imaginar a sorte do doente, se não contar com um enfermeiro amigo.

Em hospitais particulares sucede muitas vezes coisa semelhante. Se não se soltar gorjeta abundante e freqüente, nada se consegue ou a pessoa fica exposta a toda a sorte de má vontade.

Serviços públicos? Não nego que se encontrem servidores distintos em toda a parte, tanto nos serviços públicos do governo como nos particulares. Mas infelizmente

a atmosfera dominante em muitos lugares é a irresponsabilidade, o mercantilismo, corrupção. E tudo com uma aparência hipócrita de honestidade e seriedade.

Estou certo de que todo este descalabro desafia a nossa fé cristã e, na fé cristã, pode ser corrigido. É claro que um médico ou enfermeiro — já que os exemplos anteriores eram de hospitais, fiquemos no tema — precisam ganhar a vida e por isto ganhar dinheiro. Seria uma utopia e um falso idealismo esperar que os médicos trabalhassem de graça, como alguns realmente o fazem pelo menos para os pobres. O médico precisa viver. Mas há uma diferença enorme entre o médico que ganha, sem nunca esquecer o aspecto fraterno e filantrópico do seu serviço, e o médico que, na sua profissão, se mercantiliza e só pensa em ganhar dinheiro, mesmo à custa de explorar o próximo. As leis, a fiscalização não conseguem melhorar alguns casos, não corrigem definitivamente nada, se não houver consciência profissional e fundamento religioso para a consciência profissional.

O evangelho, com sua mensagem profundamente fraterna, com sua grandeza de atitudes, nos oferece a fórmula única perfeita para melhorar os males da humanidade, inclusive estes que deformam entre nós os serviços públicos. O mal é tão enraizado que, quando se encontra um funcionário delicado e competente, temos vontade de sair gritando palavras de gratidão pelas ruas a fora. Porque a regra é outra.

Uma Campanha da Fraternidade que queira realmente ser um crescimento dos valores evangélicos tem de descer a estas misérias cotidianas, tem de apontar os problemas concretos da comunidade e a solução única: Jesus Cristo.

A FOLHA

Ano 3 - 09 de março de 1975
Nº 143

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262.
Caixa Postal 22.
26.000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

PARA VOCÊ PARTICIPAR DO CULTO DOMINICAL

4: domingo da quaresma — 09 de março de 1975

O pão da palavra de Deus

C = Comentarista; L = Leitor; D = Dirigente; T = Todos.

1. CANTO DE ENTRADA — DA C.F. 1975

E todos repartiam o pão

E não havia necessitados entre eles.

Nossos irmãos repartiam os seus bens / fraternalmente tinham tudo em comum / e era grande a alegria e união / no dia-a-dia / e ao partir o pão.

Hoje de novo a palavra nos reúne / e com a mesma união e alegria / Vamos na Ceia do Senhor "Partir o pão" / para depois repartir / Com nosso irmão.

2. ACOLHIDA

C. Aos domingos, à tarde, é comum encontrarmos em nossa cidade um grupo de pessoas em uma praça, ouvindo durante horas a palavra de Deus. Também aos domingos, as igrejas estão cheias de fiéis que ouvem a palavra de Deus. A palavra de Deus é espírito e vida. Como esta palavra está sendo vivida, durante a semana? (Silêncio... vamos pensar...).

C. Na população da Diocese de Nova Iguaçu, entre Igreja Católica e Igrejas Cristãs, 90% se declararam fiéis a Jesus Cristo. Eles se declararam seguidores da Palavra de Deus.

Estrilho:

T. A Palavra de Deus é espírito e Vida. O Cristo falou: "Mude de mentalidade Mude seu modo de viver Porque o Reino de Deus está aí". Você, onde está?

Que faz você para a realidade mudar?

C. Muitos que ouvem a palavra de Deus procuram nela apenas consolo para suas contrariedades e doenças.

T. (Estrilho): A Palavra de... etc.

C. Outros ouvem a Palavra de Deus e para entendê-la acham que é preciso ter muita leitura e estudo.

T. (Estrilho): A Palavra de... etc.

C. Outros ouvem a Palavra de Deus e na sua simplicidade encontram nela Jesus Cristo, a Palavra encarnada, que os leva a terem a sua palavra ante situações que precisamos modificar.

T. (Estrilho): A Palavra de... etc.

3. ATO DE RECONCILIAÇÃO

C. Jesus fala: "Quem me segue não anda nas trevas". As trevas são tudo aquilo que depende de nós para ser transformado. Onde há trevas na nossa vida, na vida do bairro, na vida de nosso povo? (Silêncio... Vamos pensar...).

D. Por todas as vezes que os cristãos se comportam como quem nunca ouve a Palavra de Deus e por isso olham com indiferença a realidade da vida.

T. Senhor, tende piedade de nós, faze que eu veja!

D. Pelas vezes que nós cristãos repelimos a Palavra de Deus, por medo das exigências que ela nos faz para mudar a nossa vida e a dos outros.

T. Cristo, tende piedade de nós, etc.

D. Por todas as vezes que nós cristãos fazemos como quem não tem fé e, embora conhecendo a Palavra de Deus, não reconhecemos as situações onde precisamos nos engajar.

T. Senhor, tende piedade de nós, etc.

4. ORAÇÃO

D. Ó Deus que por este encontro queres / que mudemos o nosso modo de pensar / e o nosso modo de viver / faze-nos sensíveis para ouvir / e corajosos para falar aquela tua palavra que é espírito e vida / dentro do mundo. / Nós te pedimos por Jesus Cristo nosso irmão.

T. Amém.

5. 1ª LEITURA — Sam 16,1.6.7.10-13

6. 2ª LEITURA — Ef 5,8-14

C. São Paulo nos diz que desde que nos tornamos povo de Deus estamos na luz.

7. CANTO DE ACLAMAÇÃO — C.F. 1975

Estrilho:

Honra, glória, poder e louvor,
A Jesus, nosso Deus e Senhor.

A. É Ele o pão que se vai repartir.
O pão da Palavra que vamos ouvir.

9. 3ª LEITURA — Jo 9,1-41

Nota: por motivo de espaço mencionamos só os textos essenciais: 9,1-7; 13-17; 24-25; 28-29; 34b-41.

C. Muita gente não descobriu o sentido da vida para si. São cegos que caminham nas trevas. Cristo é a Palavra viva e encarnada que o Pai fala para quem aceita ser seu filho.

(Nota: Por motivo de espaço deixamos neste domingo de transcrever o texto do Evangelho).

L1. Quando Jesus ia passando, viu um homem que tinha nascido cego. Os discípulos de Jesus perguntaram:

— Mestre, por que é que este homem nasceu cego?

Foi porque ele pecou, ou porque os pais dele pecaram?

Jesus respondeu:

L2. — Ele não é cego por causa dos pecados dele ou dos pecados dos seus pais. É cego para que o poder de Deus se mostre nele. Precisamos trabalhar enquanto é dia, para fazer as obras daquele que me mandou. Pois está chegando a noite, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.

L1. Depois de dizer isto, Jesus cuspiu no chão, fez um pouco de barro com a saliva, passou nos olhos do cego, e disse:

L2. — Vá se lavar no tanque de Siloé.

L1. (Este nome quer dizer "Enviado"). O cego foi, lavou o rosto, e voltou vendo. Seus vizinhos e os que costumavam vê-lo pedindo esmola perguntavam:

L4. — Não é este o cego que ficava sentado pedindo esmola?

L1. — É — diziam alguns.

L4. — Não, não é. É parecido com ele.

L1. Afirmavam outros. Porém ele mesmo dizia:

L3. — Sou eu.

L4. — Como é que agora você pode ver?

L1. Perguntaram. Ele respondeu:

L3. — O homem chamado Jesus fez um pouco de barro, passou nos meus olhos e disse: "Vá ao tanque de Siloé e lave o rosto". Então eu fui, lavei e estou vendo.

L4. — Onde está esse homem?

L1. — Perguntaram.

L3. — Não sei.

L1. Respondeu ele. Então levaram aos fariseus o homem que havia sido cego. Era sábado o dia em que Jesus fez barro e curou o homem. Aí os fariseus perguntaram como ele tinha sido curado.

L3. — Ele passou barro nos meus olhos, eu me lavei e agora estou vendo.

L1. Respondeu o homem.

L4. — Quem fez isso não é de Deus, porque não respeita a Lei sobre o sábado.

L1. Disseram alguns fariseus.

L4. — Como pode um pecador fazer milagres tão grandes?

L1. Perguntaram outros. E eles se dividiram por causa disso. Então os fariseus tornaram a perguntar:

L4. — Você diz que ele curou sua cegueira. Que é que você pensa dele?

L3. — Penso que é profeta.

L1. Respondeu o homem. Os líderes judeus não acreditavam que ele tinha sido cego e agora podia ver. Por isso chamaram os pais dele, e perguntaram:

L4. — Ele é filho de vocês? Vocês dizem que ele nasceu cego. Como é que agora ele está vendo?

L1. Os pais responderam:

L4. — Sabemos que ele é nosso filho e que nasceu cego. Mas como pode ver agora, e quem o curou, isso não sabemos. Já é maior de idade. Perguntem, e ele mesmo poderá explicar.

L1. Os pais falaram isto porque estavam com medo. Pois os líderes judeus tinham combinado expulsar da Casa de Oração quem confessasse que Jesus era o Cristo. Foi por isso que os pais disseram: "É maior de idade. Perguntem a ele".

Pela segunda vez chamaram o homem que tinha sido cego, e disseram:

L4. — Prometa a Deus que vai dizer a verdade. Nós sabemos que esse homem é pecador.

L3. — Se é pecador, não sei. Uma coisa sei: Eu era cego e agora vejo!

L1. Respondeu ele.

L4. — Que foi que ele fez a você? Como curou a sua cegueira?

L1. Tornaram a perguntar. O homem respondeu:

L3. — Já disse, e vocês não querem acreditar. Por que querem ouvir isso outra vez? Será que vocês também querem ser seguidores dele?

L1. Então eles o xingaram, e disseram:

L4. — Você é que é seguidor dele! Nós somos seguidores de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés, mas este homem, nem sabemos donde ele é.

L1. Ele respondeu:

L3. — Que coisa! Vocês não sabem donde ele é, mas ele me curou. Sabemos que Deus não atende a pecadores, mas aqueles que o respeitam e fazem sua vontade. Desde que o mundo existe nunca se ouviu dizer que alguém curou um cego de nascimento. Se esse homem não fosse mandado por Deus, não poderia fazer nada.

L4. — Você nasceu cheio de pecado, e quer nos ensinar?

L1. Disseram eles. E o expulsaram da Casa de Oração. Jesus soube que tinham expulsado o homem da Casa de Oração. Quando o encontrou, perguntou:

L2. — Você crê no filho do Homem?

L3. — Senhor, quem é o filho do Homem para que eu creia nele?

L1. Respondeu.

L2. — Você o está vendo! Sou eu, eu que estou falando com você!

L1. Disse Jesus.

L3. — Senhor, eu creio.

L1. Disse o homem, e se ajoelhou diante de Jesus. Jesus então afirmou:

L2. — Eu vim a este mundo para julgar, para que os cegos vejam e os que vêem se tornem cegos.

L1. Alguns fariseus, que estavam com ele e ouviram isto, perguntaram:

L4. — Isto quer dizer que nós também somos cegos?

L2. — Se vocês fossem cegos, não seriam culpados.

L1. — Respondeu Jesus.

L2. Mas como dizem que podem ver, então ainda são culpados.

10. PRECES DA COMUNIDADE

D. Alimentados pela Palavra de Deus e decididos a viver uma fé engajada na vida, cheios de confiança rezemos:

• Para que cada membro de nossa Comunidade não seja cego aos fatos e acontecimentos de nosso bairro, rezemos...

T. Senhor, abre os olhos de teu povo!

• Para que todos na Igreja, ao se alimentarem com a Palavra de Deus, passem da fé infantil para uma fé adulta, empenhada na transformação da vida, rezemos...

T. Senhor, etc.

• Para que em nosso país os responsáveis respeitem a profunda dignidade de cada pessoa, rezemos...

T. Senhor, etc.

• Para que os povos do continente sul-americano, alimentando-se da Palavra de Deus que é luz e vida, possam ver e ter a coragem de combater as trevas que ainda há neles, rezemos...

T. Senhor, etc.

• Para que os organismos internacionais concretizem a fraternidade no nosso mun-

do, ajudando cada pessoa a tomar nas mãos seu próprio destino, rezemos...

T. Senhor, etc.

11. CANTO DE OFERTÓRIO — C.F. 1975

Os cristãos tinham tudo em comum / dividiam seus bens com alegria / Deus espera que os dons de cada um / se repartam com amor no dia-a-dia.

Deus criou este mundo para todos / quem tem mais é chamado a repartir / Com os outros o pão, a instrução e o progresso / fazer o irmão sorrir.

Mas, acima de alguém que tem riquezas / 'Stá o homem que cresce em seu valor, / E liberto, caminha para Deus, / Repartindo com todos o amor.

12. ORAÇÃO DAS OFERTAS

D. Ó Deus, este pão e este vinho, / representam para nós / nossos esforços e lutas por nossa própria sobrevivência. / Aceita nossa oferta / e faz obedientes ao anúncio do amor que tua Palavra nos revelou. Nós te pedimos por Cristo Nosso Senhor.

T. Amém.

13. INVOCAÇÃO APÓS A CONSAGRAÇÃO

T. Salvador do mundo, salva-nos. Tu que nos libertaste pela tua morte e ressurreição.

14. CANTO DA COMUNHÃO — C.F. 1975

O pão da vida, a Comunhão, / Nos une a Cristo e aos irmãos / E nos ensina abrir as mãos / para partir e repartir o pão (Bis).

Lá no deserto a multidão / Com fome segue o Bom Pastor / Com sede busca a nova Palavra: / Jesus tem pena e reparte o pão.

Se neste pão, nesta Comunhão, / Jesus por nós dá a própria vida, / Vamos tam-

bém repartir os dons, / Doar a vida por nosso irmão.

"Não é feliz quem não sabe dar" / Quem não aprende a lição do altar / De abrir a mão e o coração, / Para doar-se no próprio dar.

15. ORAÇÃO FINAL

D. Nós te agradecemos, Senhor, a tua palavra / que em nosso caminho nos sustenta. / Animados e libertados por ela, / caminemos na luz / com todos os que lutam / contra as trevas que os rodeiam. / Nós te pedimos por Jesus Cristo Nosso Senhor.

T. Amém.

16. CANTO FINAL — DA C.F. 1975

O corpo de Cristo / É o pão do altar. / A mesa é de todos: / Irmão, vem sentar. Um dia reparte / Com Deus o seu pão / O homem da fé, / O Pai Abraão. / O filho de Deus / Jesus nosso irmão, / Reparte na missa / com todos o pão.

O pão repartamos / Em todo lugar: / Na igreja, na escola, / Na rua, no lar: / O pão da palavra, / O pão da cultura, / O pão da amizade, / O pão da procura.

17. DESPEDIDA

D. Voltando para casa, não nos esqueçamos de nos perguntar:

• São Paulo nos falou que nos tornamos Povo de Deus, quando andamos na luz. Estamos nós buscando as condições para viver na luz?

• A Palavra de Deus é Espírito e Vida. A Palavra que você anda falando é espírito e vida ou morte e exploração?

• Cristo falou: "Mude de mentalidade. Mude o modo de viver". Você ouviu? Nesta semana em que poderá mudar para que melhore o ambiente em que vive? (Bênção final).

Pecar não é usar calças compridas

— Olhe bem para mim, dona Maria. Repare em meus olhos, examine minha cara e diga se estou em graça ou em pecado.

D. Maria primeiro enrubescceu, depois desculpou-se como pôde:

— Aqui no ônibus eu não sei dizer não, moço. Mas lá no centro, na hora do culto, o Espírito Santo ilumina e a gente sabe se o irmão está em pecado.

D. Maria vinha de Friburgo. Cozinheira na casa de um general reformado, mas sua paciência crente não resistiu duas semanas. Os netos do general davam muito trabalho e o coração deu de não agüentar a altura da serra. "Mas o pior mesmo, moço, é que a mulher do general mentia. Coisa feia. Como pode mentir uma mulher de general?"

O ônibus continuava pela avenida Brasil, a 100 quilômetros por hora. Vestido longo, mangas compridas, gola apertada, dona Maria suavá: "abre mais o vidro para mim".

— Com este calor é preciso vestir-se mais leve, dona Maria.

Mas dona Maria não ouviu ou fez que não ouviu. Olhava para umas trinta mulheres que saíam de uma fábrica, todas vestidas com calças compridas e comentou: "estão todas em pecado". Está escrito no Deuteronômio, capítulo 22, versículo 5 que "a mulher não se vestirá de homem nem o homem se vestirá de mulher".

Não adiantou explicar a dona Maria que elas não estavam vestidas de homem. Aquilo era roupa feminina, que nenhum

homem teria coragem de vestir. Não adiantou ponderar que a Bíblia condenava era a tapeação, isto é, vestir-se de homem ou de mulher para enganar os outros. E os índios que andam todos nus? E Jesus que usava túnica comprida? De nada valeram meus argumentos. Dona Maria não parecia descobrir que o pecado está é na malícia da intenção.

No catecismo o padre havia resumido para nós toda a doutrina do pecado em três pontos: fazer uma coisa má; saber que é mau; e querer assim mesmo. As duas últimas condições eram as mais importantes, porque sem conhecimento e maldade do coração não há pecado. Dona Maria não entendeu a explicação. Ficou escandalizada até, quando disse a ela que não é fácil hoje saber onde está o pecado, porque ele é um mistério de iniquidade que penetra por toda parte. Está por detrás dos salários insuficientes, da mortalidade infantil, do analfabetismo, das favelas, da fome crônica, da solidão dos velhos desamparados, etc., etc.

Para aquele que crê estas situações não são apenas a violação dos direitos do homem. São uma ofensa a Deus. Por isso os Bispos católicos, reunidos em Assembléia Geral, disseram que elas constituem "uma situação de pecado". O pecado não é apenas uma maldade individual, que uma criança pode identificar com três critérios práticos: fazer uma coisa má, saber que é mau e fazer assim mesmo. Ele se enraíza e toma corpo nas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais e se torna tanto mais destruidor quanto mais anônimo e coletivo.